

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2306

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1926

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA DOELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento mensal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 10\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

## Povo de Lisboa, ao comício!

**E' hoje, pelas 17 horas, que o Comité de Defesa Proletária promove no Parque Eduardo VII o seu comício público**  
**Todo o povo de Lisboa deve acorrer a este comício que tem por objectivo analisar a situação presente e acautelar aquelas liberdades populares que os reaccionários, com as suas manobras, pretendem estrangular**  
**Quem fôr pela Liberdade—vai ao comício!**  
**Quem fôr pela Tirania—fica em casa!**

### As deportações foram um crime da ditadura democrática. Quere o novo governo anulá-lo?

E' hábito dizer-se, sempre que um novo governo sobe ao poder ou que de uma revolução surge uma nova situação, que os factos não se podem modificar instantaneamente, e não é correcto exigir-se rapidamente actos que confirmem as promessas dos recém-governantes.

Nós somos dos que até certo ponto toleram que as circunstâncias nem sempre se moldam à vontade dos homens. Entretanto, há casos em que esta tolerância não se aplica. O das deportações para a Guiné e Cabo Verde é um deles.

Os homens da actual situação fizeram afirmações que não esquecer. Afirmaram que vinham anular as arbitrariedades cometidas pelo partido democrático. Querem pôr termo aos escândalos e às injustiças. Pois uma das mais escandalosas injustiças da ditadura democrática foi a das deportações sem julgamento. Toda a gente de bem se indignou contra a iniquidade. A organização operária ergueu bem alto o seu protesto. Grande número de intelectuais de renome assinaram manifestos condenando a infâmia. Foi uma justiça sumária feita à margem do código, do parlamento, da constituição. Os próprios deportados não se furtavam à responsabilidade dos seus actos. Queriam ser julgados, mas em Lisboa, com as garantias legais concedidas até aos paricidas.

O novo governo teve já algumas afirmações de simpatia pela classe operária. Firmes no nosso posto não nos deixamos convencer pela amabilidade nem pela violência. Só uma coisa nos convence: os factos. Sabemos que os deportados radicais vêm a caminho de Lisboa. E' justo. Eles foram vítimas da mesma iniquidade que atingiu os operários deportados na Guiné e em Cabo Verde.

Se é certo que o actual governo pretende, como muito bem fez notar o sr. Ferreira do Amaral, respeitar a constituição, o seu primeiro cuidado será decerto atender a reclamação que a C. G. T. lhe vai apresentar, mandando regressar imediatamente a Lisboa os operários deportados.

E' um acto de elemental justiça que, praticado neste momento pelos actuais governantes, serviria de melhor garantia às suas afirmações de ordem do que todas as promessas feitas nos discursos solenes.

A boa vontade dos homens da actual situação vai ser posta à prova. Qual será a decisão governamental? Sobre este assunto concentra neste momento o proletariado toda a sua atenção.

Resta-nos aguardar qual dos caminhos o governo quere escolher: o da iniquidade, mantendo um crime da ditadura democrática, ou o da justiça, cometendo um acto de rectidão.

### O comício de hoje no Parque Eduardo VII

Os homens da actual situação prometeram manter e até ampliar as poucas liberdades populares existentes. Acreditamos na boa fé dessas promessas, mas elas não nos cegam até ao ponto de não desconfiarmos, para lá do governo, os reaccionários manobrando na sombra. Eles quiseram empurrar o general Gomes da Costa para uma guerra civil da qual resultasse o estabelecimento de uma feroz ditadura militar ou a implantação da monarquia.

Não o conseguiram mas o seu insucesso não os desanimará. Persistem, manobram, infiltrando-se, catequisando e não descançarão enquanto não virem os seus desígnios triunfantes.

Se o povo, o único e verdadeiro interessado, não souber defender-se ninguém o defenderá.

O comício que o Comité de Defesa Proletária hoje, pelas 17 horas, promove no Parque Eduardo VII é destinado, principalmente, a acautelar liberdades. Vale mais prevenir do que remediar. E' necessário que a reacção monárquica, que pretende aproveitar-se da situação, se convença de que o povo vende caro as suas liberdades — vende-as pelo preço que as comprou: em troca do seu sangue.

Nesta hora de incerteza em que a balança governamental, ao menor sopro, tanto pende para a direita como para a esquerda, o povo de Lisboa deve marcar a sua posição acima de todas as políticas e ao lado das suas liberdades.

O Comité de Defesa Proletária fará hoje circular o seguinte manifesto:

«Ao povo de Lisboa — Pela Liberdade— Neste momento grave que passa, em que estão em perigo as poucas liberdades e regalias conquistadas até hoje pelo povo que

trabalha, pelo povo que sofre, à custa de muito sangue derramado e muita vida perdida, torna-se necessário que o povo de Lisboa afirme, mais uma vez, o seu nunca desmentido espírito de liberdade, o seu espírito de rebeldia contra todas as prepotências e violências.

Nesta hora em que a ameaça duma ditadura militar paira ainda sobre o país, deve o proletariado afirmar publicamente a sua intenção de defender a outrance essas liberdades e regalias, o seu propósito legítimo e humano de se defender da pretensão ditatorial dos conservadores e reaccionários.

Por isso o Comité de Defesa Proletária convida o povo de Lisboa a comparecer ao comício público que se realiza hoje, pelas 17 horas, no Parque Eduardo VII.

Povo trabalhador! Ao comício! Pela Liberdade!

O Comité de Defesa Proletária.

E' de esperar que nenhum trabalhador falte a este comício onde o povo saberá portar-se com altivez e correcção.

O lugar de todas as pessoas conscientes da sua missão social hoje é no Parque Eduardo VII, no comício promovido pelo Comité de Defesa Proletária.

Ao comício, povo de Lisboa!

O Sindicato Metalúrgico convida todos os seus componentes a comparecerem ao comício promovido pelo Comité de Defesa Proletária, que se realiza hoje pelas 17 horas no Parque Eduardo VII.

O Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa convida todos os seus associados a comparecerem ao comício que se realiza no Parque Eduardo VII.

Uma atitude do Brasil  
RIO DE JANEIRO, 8.—Nos meios bem informados considera-se o Brasil completamente desligado da Sociedade das Nações. Supõe-se igualmente que esta decisão é irrevogável.—(H.).

### O reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja

Anunciou-se aos quatro ventos que o actual governo está na disposição de tratar de todas as questões de interesse colectivo—e essa disposição constitui a parte fundamental do seu programa.

Anunciou-se retumbantemente que este governo não tinha o menor carácter político e que não tinha sido constituído para agradar a qualquer seita ou satisfazer os caprichos de qualquer facção. Esta afirmação constitui a pedra de toque das intenções governativas, tem todo o valor dum princípio, tem toda a importância moral duma promessa livremente feita.

Porisso mesmo estranhámos, e bastante, que, havendo tantos e tão grandes e tão complicados e tão urgentes problemas colectivos, o conselho de ministros de anteontem, talvez sob a inspiração teocrática e jesuítica do sr. Mendes dos Remedios, se tivesse ocupado do reconhecimento da personalidade jurídica da Igreja.

Terá esta medida influência decisiva na valorização do escudo? Conseguir-se há com este faccioso e estreito decreto diminuir a corrupção na política, baixar o custo da vida, atenuar ou mesmo resolver a crise de trabalho, diminuir a falta de habitação e desenvolver a produção industrial e agrícola? Será mais eficaz do que cortar as garras aos especuladores, irrigar o Alentejo ou mobilizar no sentido do interesse público os capitais até aqui criminosamente afeitos e inactivos?

Então para que foi o governo ocupar-se de preferência com um problema que só serve para levantar atritos, para levantar protestos — os protestos daqueles que não querem ser afrontados por um poder que voluntariamente resolveu viver fora de todas as leis?

Vai-se ceder a uma especulação, traido-se deploravelmente a promessa de não fazer política para afinal servir os interesses eleitorais e partidários duma seita, felizmente pouco numerosa.

A política, por ser católica, não deixa de ser política. E um decreto reconhecendo a capacidade jurídica da Igreja só é lógico quando o poder seja ocupado pela Companhia de Jesus ou por cúmplices seus, directos ou indirectos.

Alegre-se que o reconhecimento

A CRISE NO ALGARVE

### A "pobresa envergonhada" e a prostituição são dois poderosos exemplos da grande miséria que avassala Olhão

(Do nosso enviado especial ao Algarve)  
OLHÃO.—Uma noite vivida em Olhão vale por uma página de dor traçada por mão de mestre. As cenas de miséria sucedem-se numa violência que nos escalda a sensibilidade. O trágico quadro que a crise de trabalho construiu passa ante nossos olhos numa cavalgada que conturba o nosso ser.

Olhão, de noite, apresenta toda a nudez da sua tragédia. Olhão, depois do crepúsculo, traz à supuração a purulência das suas chagas!

Na última crónica falámos dum aspecto da miséria de Olhão patenteada à luz do sol. Vimos, nessa breve descrição, a quanto foi obrigada a população para não sucumbir aos efeitos catastróficos da miséria. Verificámos que uma multidão de miseráveis aceitava como um grande lenitivo a «Sopa dos Pobres». Hoje vamos ver outro aspecto da miséria de Olhão observada de noite quando a vila estava mergulhada num gelido silêncio.

Referimo-nos à «pobresa envergonhada» que erra pelas artérias da vila quando a população sossega.

A «pobresa envergonhada» é, na verdade, um dos significativos aspectos da grande fome que atravessa Olhão.

A «pobresa envergonhada», que se nos deparou em várias ruas, é uma das causas da falta de peixe e da concomitante crise de trabalho. Só se exterioriza de uma maneira velada e digna de grande comiseração.

Em que consiste a «pobresa envergonhada»? Foi-nos explicada do seguinte modo: —Nos períodos de grande abundância de



Um novo aspecto da indigência de Olhão

de repente a braços com a miséria. Ao ver quasi faustoso que sempre tiveram sucedeu-se uma era de fome e de miséria. E o nosso informador acrescenta: —Batida violenta e bruscamente pela fome e vencidos todos os recursos essas famílias valeram-se da indigência. Não esmolam de dia porque isso belisca um resqui-

#### OS QUE MORREM

#### António Pires de Matos

A redacção de A Batalha foi ontem desagravelmente surpreendida por uma triste notícia: o falecimento do nosso camarada António Pires de Matos. Foi uma má notícia que a todos contristou.

António Pires de Matos foi nosso camarada de redacção durante cerca de dois anos, já como revisor do jornal, já como redactor, trabalho para que mostrava invulgar capacidade a despeito da sua pouca idade. Falleceu com 23 anos apenas, na primavera da vida, a alma plena de sonhos de beleza.

Era de temperamento melancólico e romântico. Fantasiava, com a mesma expositiva facilidade, sociedades livres e perfeitas ou amores ideais que não vivem senão nos corações bem formados, como o seu, e nos romances da velha escola sentimentalista.

Alto, seco, complexão débil, palidez constante, olhos profundos e olheirentos, António Pires de Matos despertava simpatias ao primeiro contacto. Vivia muito de si mesmo, falava pouco, concentrava-se muito nas suas locuções e quando falava, animando-se, por vezes, revelava um misticismo ainda confuso servido já por uma inteligência clara que ele cultivava, entregando-se à paixão febril da leitura.

Foi aluno da Casa Pia de Lisboa, onde



António Pires de Matos

fez a sua educação, tendo após a sua saída obtido alguns empregos no comércio, mister para que não mostrava grandes disposições de ânimo, devido às suas aspirações de aperfeiçoamento mental e de labores literários. Falleceu demasiado novo, não tendo tido ocasião de aproveitar e expandir as suas qualidades literárias e poéticas.

#### O SANATÓRIO CARLOS VASCONCELOS PORTO

### Como uma das melhores peças do nosso arsenal anti-tuberculoso foi montada e as dificuldades que tem vencido para a sua manutenção

A assistência aos tuberculosos é uma coisa apagadíssima em Portugal. O nosso arsenal anti-tuberculoso é deficientíssimo. As nossas instituições de profilaxia à tuberculose apontam-se a dedo. E todavia vivemos num país em que as estatísticas demográfico-sanitárias registam anualmente 20.000 mortos pela tuberculose.

O Estado, que devia ser o primeiro a

celos Porto é merecedora de algumas linhas.

O sanatório referido nasceu da conveniência de prestar a devida assistência aos ferroviários tuberculosos. Foi iniciado dessa grande obra o engenheiro de São Braz de ferro sr. Carlos Vasconcelos Porto, devotado amigo das vítimas do terrível morbus.

saúde para tratamento das suas enfermidades, à qual deram o nome de Sanatório Carlos Vasconcelos Porto.

O sanatório estava instituído. Para ele o Estado não contribuiu com um centil. Falta, porém, criar condições para a manutenção dessa casa. E essas condições, devido ainda aos esforços do patrono do sanatório, vão aparecendo.



Uma vista dos Almargens — A' esquerda o Sanatório Carlos Vasconcelos Porto

contribuir para a extinção do terrível morbus, não liga a menor atenção para este problema. Aos poderes públicos é-lhes absolutamente indiferente a sorte dessa grande legião contagiada pelo bacilo de Koch.

O Estado, não só não auxilia o combate à tuberculose, como até deixa perder alguma coisa boa que existe pela acção nociva da sua máquina burocrática.

Estivemos há dias no Sanatório Carlos Vasconcelos Porto. Fomos ali atraídos por um coro de protestos contra o estado calamitoso em que se encontra aquele importante estabelecimento de cura. Esse coro de protestos, embora exagerado no seu colorido, é na verdade edificante.

A história do Sanatório Carlos Vascon-

Esta obra grandiosa começou a ter realização em 1918. Depois de inúmeros apelos endereçados pelo sr. Vasconcelos Porto a várias entidades, no referido ano, em Almargens, a três quilómetros de São Braz de Alportel, foi adquirida uma casa em condições muito vantajosas.

A primeira pedra para o sanatório era assim colocada em tão bons auspícios. Almargens, além disso, é um dos melhores lugares da península, em condições climáticas, para a cura da tuberculose.

Passados dias a casa dos Almargens, sob a direcção do engenheiro José Abecassis Júnior, começava a adquirir forma de sanatório. E, em Setembro de 1918, os ferroviários do Estado possuíam uma casa de

horas, de sua casa, rua das Amoreiras, 167, 3.º, para o Alto de São João.

A Caixa de Previdência e o Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa convidam os seus associados a encorporar-se no funeral do seu desditoso consócio, que se realiza amanhã, da residência acima indicada

Com algumas dádivas o sanatório principia a funcionar, recebendo dez doentes pertencentes ao Minho e Douro e outros dez pertencentes ao Sul e Sueste.

A direcção clínica deste estabelecimento foi confiada ao distinto fisiologista dr. Alberto de Sousa, que, com agrado geral, se tem desempenhado da sua função.

Mais tarde reconheceu-se que o sanatório não poderia viver do auxílio particular. E endossa-se aos passageiros uma sobretaxa nos bilhetes, cujo produto reverteu em favor da manutenção daquele estabelecimento dos ferroviários.

Actualmente o sanatório é mantido pela Comissão de Assistência aos Ferroviários. O fundo dessa comissão é composto pela percentagem de 1% sobre a receita geral dos caminhos de ferro. O pessoal contribui também com uma cota voluntária que perfaz mensalmente uma verba de cerca de cinco contos.

O Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, que com a lotação completa tem uma despesa de 20 contos mensais, tem hoje uma receita própria e suficiente que lhe permite uma situação desafiada

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15,30



cio de orgulho que ainda possuem. Mas impo-  
nham a caridade de noite, fôra da bisbi-  
lidade da população.  
Efectivamente foi de noite que nós vimos  
umas criaturas envergando hábitos arabes,  
turbante cobrindo a cabeça, mergulhamen-  
te na penumbra que envolvia algumas  
arterias.  
Perseguiu essas esquisitas personi-  
gens até a um esguio prédio de uma das  
ruas mais mal iluminadas. E uma frase  
aguda cortou todo aquele silêncio:  
—De-me uma esmola para comprar um  
pão para os meus filhos que não comem há  
dois dias!  
E, entregue o obolo, a desgraçada avan-  
çou para outro prédio e repetiu o mesmo  
pedido.  
O número de «pobres envergados» é  
grande. Metade da população forma nessa  
formidável legião. Esmola de noite, oculan-  
do a sua tragédia dos olhos da popula-  
ção.  
\* \* \*

Olhão de noite oferece ainda ao repórter  
um outro motivo mais vivo de miséria e de  
dor. É o quadro da prostituição que por  
todas as ruas, das mais reconhecidas às mais  
movimentadas, se exhibe com um impudor  
que causa ferozes perturbações.

No meio dessas desgraçadas encontra-  
mos crianças com pouco mais de doze anos  
oferecendo seus franzinhos corpos ao tran-  
seunte que os olhava num misto de dó e  
de lástima.

Não se faz questão de preço. Roga-se  
apenas que lhe deem qualquer quantia com  
que possam mitigar a fome. Solicitam ape-  
nas que lhe entreguem uns míseros centavos  
para os seus.

A uma garota que se deparou ao repórter  
ouve-se a seguinte narração, feita entre  
soluços e lágrimas.

—Tenho quinze anos apenas. Em minha  
casa, eu e minha irmã fomos lançadas para  
esta vida há cerca de seis meses, quando  
não tínhamos já um farrapo para empen-  
har.

A odisséia desta desgraçada é a odisséia  
de todas as desgraçadas que vagueiam de  
noite por Olhão.

A miséria é de tal forma que há mães,  
segundo nos asseveraram os nossos cicerões,  
que vão oferecer suas filhas aos hom-  
ens do dinheiro para destruírem a negra  
miséria que há muito tempo invade os seus  
miseráveis tugúrios!

Todavia os poderes públicos ainda não  
pensaram a sério na situação do povo  
algargio a despeito das classes trabalhado-  
ras da vasta província já terem manifestado  
em representação toda a miséria que as  
assola.

## UMA ESCOLA DE GUERRA DOS COMUNISTAS

ESTOCOLMO, 8. — A polícia descobriu  
no arquipélago de Estocolmo uma escola  
comunista, onde se ensinava o manejo das  
armas. Numerosos bolchevistas alemães, sue-  
cos e austriacos, possuindo falsos passa-  
portes, e também comunistas suecos, estão  
implicados neste caso, figurando entre eles  
o deputado comunista Herou. A polícia  
preendeu um dos principais professores  
desta escola. É um austríaco chamado Hans  
Glabau, que entrou na Suécia com um pas-  
aporte falso, atribuído ao cidadão suíço  
Friedrich Grünwald. Entre os professores  
figura a maioria dos chefes do Partido Co-  
munista Sueco. Glabau veio à Suécia por  
ordem do Comité Executivo da Internacio-  
nal das Juventudes Comunistas, que tem  
sede em Moscovo. Os jornais afirmam que  
trouxe a missão de fiscalizar a instrução  
revolucionária e o armamento do opera-  
riado. O jornal comunista *Folkets Dagblad*  
*Politiken* publicou, efectivamente, informa-  
ções que permitiram saber que um repre-  
sentante do referido comité executivo vi-  
nhia em inspecção dos depósitos de armas  
de batalhões comunistas. —(H).

## O inferno na República celeste

LONDRES, 8. — A situação na China con-  
tinua indecisa. O governo de Yen não é  
mais que uma ficção. Nenhum ministro  
exerce de facto as suas funções, pois Yen  
absorve as funções de todo o ministério,  
de maneira que se considera a República  
como não possuindo governo central. As  
lutas armadas entre forças nacionais e for-  
ças de Chan-Si não obtiveram resultado  
decisivo, não tendo sido dominadas, toda-  
via, as forças nacionais. Aumentam as di-  
vergências entre os chefes militares, todos  
eles procurando apossar-se de comandos  
superiores. O general Chin-Yun, partidá-  
rio de Pei-Fou quer substituir o governa-  
dor da província de Chaxung, a qual per-  
tence a um general do estado maior de  
Tchang-Tso-Lin.

Este general entabou negociações com  
o marechal Sun-Chuan-Fang, que domina  
as cinco províncias que rodeiam Xangai,  
a fim de obter a sua ajuda no ataque a  
Chang-Kun. O general Sun-Chuan-Fang es-  
tava neutro há muitos meses. Pei-Fou che-  
gou recentemente a Pao-Fing-Fou e entre-  
gou a Tchun-Yun-Ao o comando de uma  
expedição contra as tropas nacionais.  
Tchang-Tso-Lin abandonou Mukden e foi  
a Pao-Fing-Fou conferenciar com Pei-Fou.  
—(H).

## PEREIRA — Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.º  
FATOS RECLAME a 295\$00

## Quem perdeu?

Na nossa redacção, ao dispor de quem  
provar pertencer-lhe, encontra-se uma caixa  
com peças, achada por um nosso cama-  
rada numa das ruas de Campo de Ourique.

## Os piratas chineses

SAIGON, 8. — As desordens e perturba-  
ções que se deram na região de Yunnan,  
onde os piratas chineses se entregavam à  
prática de actos de banditismo, não se têm  
repetido. A milícia tomou disposições para  
proteger os habitantes das regiões da fron-  
teira. —(H).

## Abd-el-Krim no segredo

FEZ, 8. — O encarceramento de Abd-el-Krim  
no segredo foi determinado por considera-  
ções de alta importância, tendentes a evitar  
a repetição das indiscrições já cometidas  
pelos chefes rifenhos, depois da sua chegada  
às linhas francesas. —(H).

## A Turquia e os tratados

ANGORA, 8. — A Assembleia Nacional  
ratificou o tratado de Mossul e o acordo  
turco-sírio. —(H).

## Memórias dum cabo de polícia

(Continuação)  
A esquadra 17.ª e o posto 23.º são susten-  
tados pelo comércio local que lhes paga a  
renda, a água e a luz. Quando chega ao fim  
do mês distribuem-se uns verbetes aos guar-  
das, que vão de porta em porta cobrar as  
importâncias para a renda.

Vejam, pois, os leitores que autoridade  
moral têm os guardas para agir, sendo pre-  
ciso, contra aqueles comerciais. É o cú-  
mul!

Os chefes de esquadra só podem dispor  
de uma determinada verba para serviços de  
saúde. Quando a maca conduz um doente  
com atestado de pobreza ao hospital, fica a  
esquadra impossibilitada, por falta de ver-  
ba, de conduzir outro se o houver no mes-  
mo dia. Ou espera para o dia seguinte ou  
paga a sua condução. Outras vezes a custo  
se consegue a condução para um doente,  
visto que os moços de fretes e cocheiros  
fogem de prestar serviços à polícia porque  
esta não paga as suas dívidas senão três  
meses depois.

É deficiente o material de aquartelamen-  
to nas esquadras e quando há prevenções  
rigorosas é um pavor. As mantas não che-  
gam para todos, visto que é rara a esqua-  
dra que possui mais de seis para 40 homens.  
As enxergas são poucas e de palha moída  
de anos; sobre elas se deitam os guardas  
numa precariedade que enoja, descansan-  
do a cabeça em sujos rolos de linhagem.  
Há guardas que jogam e tomam aperitivos  
para afastar o sono, enquanto outros prefe-  
rem as farinhas dos calabouços para des-  
cansar um pouco.

Não possuem certos cães lat alojamento,  
mas têm-no os agentes da autoridade, por  
vezes durante semanas consecutivas, em re-  
gime de prevenção.

Fiz até aqui a apresentação da Polícia na  
sua vida íntima e corriqueira. E antes de  
fechar este capítulo quero fazer justiça à  
rectidão e inteligência dos tenentes srs.  
Lopes Soares e Graça, e dos chefes Sintra,  
Lino, Nazaré e Silva, que bastante têm con-  
tribuído para levantar o moral da corpora-  
ção a que pertencem. Tampouco olvidarei os  
bons esforços do chefe sr. Abanaque, repu-  
blicano sincero, a que presto homenagem.

Capítulo II. — Quando entrei para a po-  
lícia respirava-se naquele mês de fevereiro,  
frio e tempestuoso, uma atmosfera de ter-  
ror. As prisões encontravam-se cheias de  
políticos adversos à situação de dezembro.

As prevenções da polícia eram rigorosas  
e constantes. Nomeava-se cotidianamente  
um piquete de 100 homens para reforço no  
Governo Civil. O Pôrto estava ainda em  
poder dos realistas, havendo dois governos  
em Portugal — o do Norte e o do Sul. A  
frente do ministério, em Lisboa, encontra-  
va-se o lavrador José Relvas que ainda não  
era o homem desejado para enfrentar a si-  
tução. Os democráticos, pela sua impre-  
ssa, reclamavam o desarmamento da polícia.  
Lobo Pimentel, antigo sargento revolucio-  
nário do 5.º de Outubro, e comandante da  
Polícia ao tempo, negava-se a satisfazer a  
aspiração dos republicanos, até que no dia  
27 de fevereiro foi convocado o célebre  
comício público no Coliseu que se encheu  
de elementos avançados. Falou o capitão  
Cunha Leal, o deputado farla-côres, que  
até ali havia acompanhado a polícia de  
Sidiónio Pais e que neste comício atacou  
violentamente a polícia, apresentando uma  
moção para que no prazo de duas horas ela  
fosse desarmada.

## Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário,  
foi recebido curativo e recolheu a casa, João  
Gonçalves, de 56 anos, natural de Ponte da  
Barca, residente na Portela, canteiro, o qual  
em Santo Amaro caiu ao apagar-se dum ele-  
ctrico ficando com várias contusões pelo  
corpo.

No Banco do Hospital de São José, for-  
am pensados e seguiram depois para casa:  
Francisco Alves, de 84 anos, natural de  
Lisboa, servente na Transformadora de  
Electricidade, na Vila Nova da Estrela, en-  
tão reside e que ali caiu dum moto, fi-  
cando ferido na cabeça, e Manuel Guedes,  
de 48 anos, natural de Portalegre, residente  
na rua do Vale de Santo António, 101, que,  
na rua dos Cavaleiros, foi atropelado por  
um automóvel, ficando ferido no rosto e  
contuso pelo corpo.

No Banco do Hospital de São José re-  
cebeu curativo e seguiu para casa: Arman-  
dino da Fonseca Baptista, de 22 anos, 2.º  
cabo 278 da Escola de Condutores Auto-  
mobilistas Militares, residente no Campo  
Grande, 322, 1.º, que, quando atravessava  
o sitio da sua residência, foi atingido com  
um tiro, cuja bala lhe atravessou a perna  
esquerda, ignorando-se donde ele partiu.

Na Morgue deu ontem entrada José Ma-  
nuel, residente na Vila Teixeira, ao Chafa-  
riz das Terras, 15, que apareceu na noite de  
antemão na linha ferrea, junto do Merca-  
do Geral de Gados, apresentando a cabeça  
destruída. Parece ter sido colhido por al-  
gum comboio e presume-se tratar-se dum  
suicídio.

## O pacifismo das grandes po- tências é uma mentira perigosa.

LONDRES, 8. — O encontro das forças  
aeronáuticas tem-se efectuado com extraor-  
dinária actividade, fazendo-se vôos noctur-  
nos em exercícios de ataque e defesa. O  
ministério da Aeronáutica avisou os pilotos  
de que dois aviões manobravam na  
vizinhança do aeródromo de Croydon, a  
uma altitude de 4.000 pés.

Os aviões voaram de luzes apagadas. Foi  
necessário «patrulhar» os ares durante a  
noite, sem iluminação, a fim de permitir aos  
postos de T. S. F., estabelecidos em nu-  
merosos pontos, que surpreendessem a po-  
sição exacta dos aviões. Estes postos estão  
munidos de aparelhos especiais. Uma vez  
que um posto possa, com o auxílio destes  
aparelhos, saber da posição dum avião,  
advertirá os postos de projecções eléctricas  
e os postos de artilharia anti-aérea, que  
concentrarão as suas forças na direcção  
do avião cuja presença seja assinalada.

Os postos estarão, assim, em comunicação,  
pela T. S. F., com os aviões encarregados  
da vigilância durante a noite.  
Também os Estados Unidos não estão  
inactivos. Já encomendaram um dirigível  
com a envergadura toda em metal, capaci-  
dade de 23.000 pés cúbicos, e ainda um  
outro dirigível com a capacidade de cinco  
milhões de pés cúbicos. Segundo os peri-  
tos americanos, os dirigíveis inteiramente  
de metal são mais ligeiros que os outros, e  
não precisam de recolha. Além disso, a sua  
construção é menos dispendiosa. —(H).

## As touradas são espectáculos degradantes vergonha da espécie humana

A Primavera é a estação do ano em que  
o arvoredo se cobre da sua fresca e viçosa  
folhagem, em que as flores desabrocham  
espalhando na atmosfera aromas inebriantes  
e as avesinhas campestres, melodizando  
hinos suaves e encantadores, trabalham  
activamente na construção dos seus mi-  
mosos ninhos, que vão servir de abrigo ao  
fruto dos seus inocentes amores.

Sendo a Primavera a quadra sublime do  
ano que a Natureza formou para cobrir os  
campos de galas, dando livre passagem ao  
amor e à vida, é também a estação do ano  
que os empresários das corridas de touros  
esperam ansiosos para porem em prática  
esses espectáculos degradantes, e encherem  
os bolsos de dinheiro, o qual, ainda que  
engastado, lhes garante uma vida rega-  
lada e parasitária.

Os toureiros, também seqüios de di-  
nheiro e de se exhibirem perante os olhares  
esgaziados da massa bruta dos seus admi-  
radores, vão pondo em ordem as suas guer-  
ridas vestes guarnecidas de ouro ou prata,  
fazendo as suas contratas e amontoando  
fortunas fabulosas adquiridas no sangue ge-  
neroso dos pobres animais, em holocausto  
à bestialidade dos aficionados.

E, enquanto no interior dum praça, aos  
sons suaves da música, se martiriza cru-  
elmente esses seres inferiores que mais ser-  
viços prestam ao homem, eu chego a não  
compreender qual será a pior fera, se o  
touro, se o toureiro, ou se o espectador.

É triste, na verdade, na época que atra-  
vessamos, vermos ainda uma enorme mul-  
tidão correr a esses espectáculos de selva-  
jaria, aplaudindo entusiasticamente todos  
os picadores e matadores de touros, aos  
quais dão o nome de artistas, criaturas de  
sensibilidade embotada, cuja arte consiste  
em esperar ferros e manejar um pano en-  
carnado a que chamam muleta, fazendo cair  
por terra, varado pela sua espada crimi-  
nosa, esse pobre animal, já corrido, cansado  
e ferocemente ferido pelos outros artistas,  
não menos criminosos.

É terminado o honroso espectáculo por  
entre estrondosas salvas de palmas e uma  
gritaria que fere os ouvidos, e ver depois  
a turba ignara, louca de alegria, vir de rol-  
lão, saudando sempre os carrascos dos  
animais até à entrada dos automóveis, onde  
eles, envoltos nos seus mantos de seda,  
comodamente instalados e levando já no  
bolsão a paga da sua acção criminosa, agra-  
decem altamente as manifestações que  
lhes tece a massa ignorante, supondo-se  
uns grandes personagens.

E nós, ao contemplarmos esse cruel en-  
tusiasmo que representa o atraso mental  
dum povo, perguntamos:  
Em que consiste o prestigio dos tourei-  
ros para serem alvo de estrondosas ova-  
ções? Qual é a obra que eles têm produ-  
zido de útil para o bem da colectividade?

Nada, absolutamente nada.  
A vida do toureiro é uma vida de para-  
sitismo. O seu trabalho é asqueroso, rude,  
torpe e banal. As manifestações a ele pres-  
tadas, são manifestações selvagens, filhas  
não só das taras herdadas dum sociedade  
de crápula, como também da pífia edu-  
cação jesuítica que tanto tem bestializado  
o cérebro do homem.

Assim, temos que constatar com imensa  
mágoa que, em pleno século XX, ainda há  
uma grande parte do povo que enche por  
completo todos os recintos onde se repre-  
sentam cenas de selvajaria, aplaudindo e  
enrriquecendo tiranos, deixando morrer na  
miséria verdadeiros beneméritos da socie-  
dade.

Se confrontarmos o toureiro com o bom-  
beiro, o contraste é assombroso.

Toureiro é um ser que nada de útil pro-  
duz, ao passo que o bombeiro é um traba-  
lhador prestimoso que contribui com a sua  
actividade e inteligência para o bem da  
comunidade. O toureiro exerce o seu re-  
pugnante mister 2 ou 3 meses no verão,  
aferindo somas fabulosas, enquanto que o  
bombeiro, trabalhando todo o ano no exer-  
cício dum função útil e proveitosa, morre  
na miséria. O toureiro passa a maior parte  
do tempo nos grandes «clubs» e restau-  
rantes, com amantes, em alegres libações,  
o que se não dá ao bombeiro que passa  
os dias na oficina, e muitas noites, quando  
recolhe a casa para descansar as fadigas  
dum dia de insano labor, e muitas vezes  
despertado do seu sono reparador pelo  
tímbre do telefone que reclama a sua pre-  
sença, pois que em um ponto da cidade se  
manifestou incendio num edificio, cujas cha-  
mas prometem destruí-lo, pondo em risco  
os seus habitantes. E ele, sem curar saber  
se os moradores do prédio são ricos ou  
pobres, nacionais ou estrangeiros, ergue-se  
apressadamente da cama, e sem se impor-  
tar com a chuva que muitas vezes cai tor-  
rencialmente, corre ao cumprimento da  
humanitária missão a que voluntariamente  
se dedicou.

O toureiro vai a uma praça para espica-  
rar e matar animais para dar gô ao seu  
amam a crueldade, enquanto que o bom-  
beiro, por entre as chamas do fogo elemen-  
tal, vai salvando vidas e haveres, só pelo  
prazer de praticar uma acção nobre e hu-  
mana.

Qual será, pois, mais prestimoso, mais

digno de ser coroado? O toureiro que dá a  
morte ou o bombeiro que, para salvar vi-  
das, arrisca a sua própria?

São para estes e para tantos outros bene-  
méritos da humanidade que se não olha  
com a devida atenção, pois como prova do  
que afirmamos está o proceder de muitos  
indivíduos ricos dispendendo grandes for-  
tunas na edificação de suntuosas praças de  
tours e depois na compra de riquíssimos  
objectos que oferecem aos toureiros nas  
suas festas artísticas, deixando morrer à  
mingua a instrução e a Assistência Públi-  
ca.

Ora não seria mais nobre e altruista que  
as verbas dispensadas à tirania fossem an-  
tes aplicadas aos seus enfermos pobres e  
analfabetos? Não seria mais justo e huma-  
no socorrer os hospitais e sanatórios, pro-  
tegendo os doentes, e construir-se esco-  
las e cantinas com todos os seus neces-  
sários, dando à infância pobre alimento e  
vestuário, bem como a linha geral da ins-  
trução, a que ela tem justos? Creemos que sim.

Mas como isto é o que é e não o que  
devia ser, nós vamos contemplando triste-  
mente todos os espectáculos degradantes,  
sem contudo os deixar de condenar aspe-  
ramente, esperando em que o homem,  
compreendendo um dia o mau caminho que  
tem trilhado, se envergonhe do seu passa-  
do e venha até nós para nos ajudar a trans-  
formar a sociedade, única forma de acabar  
todos os espectáculos de barbaridade que  
envergonham a espécie humana.

F. Nunes SCHEIDECKER

## DESPORTOS

Foi adiado o festival organizado para amanhã  
pelo A. F. L.

Passou para domingo, 20, a realização  
do festival desportivo que a Associação de  
Futebol de Lisboa organizara para amanhã,  
no Campo Grande, em favor da Assistên-  
cia Infantil da Câmara Municipal. Parece  
no entanto que subsistirá o mesmo pro-  
grama, nada tendo com a razão do adi-  
amento a sua organização, que estava já  
completamente assegurada.

O Lisboa-Madrid em favor da Caixa de Providên-  
cia do Sindicato dos Profissionais da Imprensa

É já no próximo domingo que no Esta-  
dio se realizará o esperado encontro entre  
as seleções representativas de Lisboa e de  
Madrid em futebol, o que deverá constituir  
um verdadeiro acontecimento desportivo,  
pois é a primeira vez que se encontram as  
representações civis das duas capitais.

Este sensacional encontro, que tem a  
característica certa de pugna internacio-  
nal, é levado a efeito em favor da Caixa  
de Providência do Sindicato dos Profissio-  
nais da Imprensa de Lisboa. A direcção da  
A. F. de Lisboa organizou ontem o grupo  
representativo da cidade, dele devendo fa-  
zer parte os seguintes jogadores. Roquete;  
Pinho e Jorge Vieira (cap.); Almeida;  
Albino José e César de Matos; Pereira da  
Silva, Rodolfo, Cambalacho, Domingos Gon-  
çalves e Ramos.

Os jogadores madrilhenos devem chegar  
no sábado à tarde a Lisboa, realizando-se a  
seguinte recepção na Câmara Municipal  
e outra na sede da Caixa de Providência  
do Sindicato. A direcção da Caixa, convi-  
dou para assistirem ao jogo e ao banquete,  
que se realizará no domingo 13, a noite,  
no Monumental Club, os srs. presidente da  
Câmara Municipal de Lisboa e o presi-  
dente da respectiva Comissão Executiva.

Festa Nacional de Educação Física

Está definitivamente assente que a gran-  
de parada de ginástica educativa com que  
termina a Festa Nacional de Educação Fi-  
sica se realize no sábado, 12 do corrente,  
pelas 18,30, no campo do Estádio, na Ala-  
meda das Linhas de Torres. Na parada de-  
vem comparecer 4.500 crianças de ambos  
os sexos de liceus e colégios da capital. A  
concentração faz-se no Campo Grande,  
pelas 18 horas prefixas.

## Um ébrio reincidente

O agente Viegas, aquele ébrio agente a  
que mais de uma vez temos feito referên-  
cia, voltou há dias, completamente em-  
briagado, a fazer das suas. Narremos o  
caso:

Como de costume, na praça dos Restau-  
radores, junto ao quiosque Major, um gru-  
po de «chaffeurs» dos que fazem ali praça  
conversavam sobre assuntos varios. A certa  
altura, mestre Viegas, cambaleante, aproxi-  
mou-se do grupo e dirigiu-lhe frases pro-  
vocadoras. Os circunstantes não gostaram  
da provocação e responderam em termos con-  
venientes, mas correctos. Isso irritou o  
agente Viegas, que imediatamente sacou da  
pistola e dispunha-se a disparar se uma  
mulher providencial não fizesse desviar o pe-  
rigo.

Completamente atordoado o Viegas ru-  
giu algumas ameaças e desapareceu, natu-  
ralmente para em breve repetir a scena.

## Teatro Apolo

Quarta-feira, 9

Estreia, neste teatro, do mistério  
em três actos e quatro quadros,  
original de Brás Monteiro

## O SANTO ANTONIO

OU

## O TAUMATURGO

A peça mais aplaudida  
no Brasil e Portugal

Encenação de Rafael Marques

## Teatro da Trindade

HOJE HOJE

A ALEGRE COMÉDIA

## O HOMEM DAS 5 HORAS

nos primaciais papéis

LUCILIA SIMÕES,  
ERICO BRAGA, J. ALMAIDA,  
ANÉLIA PEREIRA

e SAMUEL DINIS

## TIVOLI

DOUGLAS FAIRBANKS

## Robin dos Bosques

A sua obra prima

Dois cine-farças — Uma cine-revista

Amanhã: MATINÉE ÀS 3 HORAS

TELEFONE N. 5474

A'S 21 HORAS

Douglas Fairbanks, que não tem no seu gé-  
nero quem se lhe assemelhe no cinema mun-  
dial, era o homem necessário para encenar  
esse Robin dos Bosques, depois de Robin  
dos Bosques, arrastando a crosta da legítima  
medieval. A acção deste filme, senão nos  
mais belos e mais mentais que até h. j. se  
têm produzidos, situa-se na época de Rich-  
ard I. «O Coração de Leão», no tempo das  
cruzadas. Não faz Douglas Fairbanks e os  
seus companheiros a história dos nobres da  
medieval e excede a o quanto nos tem a di-  
dado apreciar, em produção e estreia rea-  
lizada por artistas, militares de figura  
sua utilizados num admirável reconstrução  
histórica e numa acção cheia de fulgor.

## ECOS DOS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Os jornais de grande informação, a pes-  
sar do seu grande desejo de fazer grandes  
tiragens com os últimos acontecimentos,  
viram-se obrigados a restringir o espaço  
que a eles consagravam. De facto entrou-se  
num compasso de espera. Vive-se numa  
paz podre, numa paz cuja monotonia pode,  
contudo, dum momento para o outro, ser  
quebrada por qualquer facto que inespera-  
damente surja.

O ministério continua incompleto: até  
agora as pessoas indicadas para as pastas  
das finanças e do comércio têm-se recusado  
categóricamente a occupá-las.

Continua-se a indicar para uma das pas-  
tas o general Stiel de Cordes—a pesar de se  
saber que o seu nome não convem no  
actual momento. Trata-se duma pressão  
exercida pela imprensa ultra conservadora.

Fala-se também, sem se dizer em que  
consiste, na remodelação dos serviços da  
G. N. R. E discute-se também, principal-  
mente entre os professores de Direito, a  
maneira de se eleger presidente da repú-  
blica o general Gomes da Costa.

Tem-se gasto muita tinta para se de-  
monstrar que não há, por parte dos juris-  
consultos, duas opiniões iguais sobre este  
ponto político.

## O movimento de tropas

As tropas que, devido aos últimos acon-  
tecimentos, oriundas de vários pontos do  
país, chegaram às portas de Lisboa, ainda  
se conservarão alguns dias afastadas dos  
seus aquartelamentos.

A guarnição militar de Lisboa ficará au-  
mentada com algumas das unidades que  
vieram da província. Segundo consta as  
unidades incorporadas na guarnição da  
cidade serão infantaria 4 e o batalhão do  
33, de Lagos.

## Um manifesto

O pintor sr. Guilherme Filipe fez distri-  
buir profusamente uma carta aberta diri-  
gida ao chefe do movimento na qual se pede  
que intercedam pela arte, acabando com as  
casas que ameaçam destruir, o teatro impu-  
dico, pornográfico e degradante e pedin-  
do que não insultem mais a cidade com mo-  
numentos que são insultos à estética. No  
mesmo manifesto surge-se fortemente a in-  
diferença e a incompetência do Estado em  
matéria de arte.

## As novas autoridades

Têm sido nomeados sistematicamente mi-  
litares para substituírem as autoridades ad-  
ministrativas que eram compostas por pes-  
soas da confiança política do ministério  
ultimamente deposto.

Ontem foram nomeados mais dois gover-  
nadores civis: o de Castelo Branco, cor-  
onel sr. Adriano Macedo, e da Guarda, o  
major sr. Francisco Passos.

## Decorreu muito animada a grande sessão promovida pela Câmara Sindical do Trabalho do Porto

PORTO, 8. — No passado domingo reali-  
zou-se na sede da Câmara Sindical do  
Trabalho, rua de Entreparedes, 33, uma  
grande sessão pública para se ocupar do  
último movimento revolucionário.

Presidiu a esta sessão o camarada José  
Rodrigues Reboredo, da Associação dos  
Confeiteiros, secretariado João Lázaro e  
Mário Ferreira, respectivamente dos Sin-  
dicates do Vestuário e Metalúrgico.

Fizeram uso da palavra os camaradas  
António Teixeira, S. Sousa, Inácio Mar-  
tins, António de Carvalho, Serafim Car-  
doso Lucena e Costa Carvalho.

Os oradores, nas suas minuciosas consi-  
derações, fizeram salientar as evidenciadas  
ambições e desmedidos interesses dos po-  
líticos de facção, cuja obra imoral e ru-  
inosa levou o país a mais degradantes e  
miseráveis condições económicas, desen-  
cadeando, pois, uma pavorosa crise de tra-  
balho na maior parte das indústrias, no  
comércio, na agricultura, etc.

Numerosa assembleia aplaudiu entu-  
siasmaticamente todos os oradores delibera-  
do que os organismos sindicais e federati-  
vos continuem vigilantes, promovendo no  
seio das respectivas classes uma consciente  
preparação de resistência contra a forma-  
ção de quaisquer governos ditatoriais mi-  
litares, bem como contra o cerceamento das  
liberdades individuais e sociais conquista-  
das.

Também ficou assente que os compo-  
nentes da mesa daquelas sessões apresen-  
tarem aos delegados do governo no Porto a sé-  
rie de reclamações mínimas que o operariado  
espera ver atendidas urgentemente, entre  
as quais está incluído o regresso dos ope-  
rários deportados.

Antes de ser encerrada a reunião, mere-  
ceu unanime aprovação um energico pro-  
testo contra o facto de o governo ainda não  
ter ordenado o regresso à metropole dos  
aludidos deportados, quando é certo ter já  
mandado regressar os revoltosos republi-  
canos de Almada, sendo este acto conside-  
rado uma flagrante injustiça feita às víti-  
mas da causa do trabalho.

## Um homem

AUXERRE, 8.









PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

## Não cessaram ainda os atentados aos direitos individuais

**LOURENÇO MARQUES, 16 de Maio**— Há dias um jornal insuspeito que se publica nesta cidade pronunciava-se assim: «já falamos da formidável selecção feita no pessoal operário dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques».

Foi uma perfeita razão. Centenas de operários ficaram sem trabalho e as suas famílias, por tal motivo, na miséria.

Sabemos que alguns encarregados das várias secções do C. F. L. M. se têm queixado do míngua número de operários que, depois da greve, ali ficaram fazendo serviço.

Sendo assim e sabendo-se que o governo está armando com os subsídios aos operários e famílias destes que não foram aceites naqueles Caminhos de Ferro, parecemos que uma cuidada revisão deveria fazer-se entre o número dos dispensados, decidindo-se a Direcção a retomar mais algum pessoal.

Os operários sentem-se humilhados em receber os subsídios do Estado e antes de se irem para a casa, a título quasi de esmola.

Anos seguidos levaram as direcções transactas do C. F. L. M. a tomar ao seu serviço o formidável número de pessoal que ali existia antes da greve. A importância dispendida com os seus salários, sendo brutal, estava consumindo uma grande parte da receita dos mesmos Caminhos de Ferro. Urgia, pois, que parte desse pessoal fosse dispensado.

Mas a maneira como o fez a actual Direcção é que não merece, de forma alguma, os nossos aplausos.

Louvamos todas as medidas que sejam postas em prática no sentido de se cercar despesas e de se fazerem economias.

Mas não há o direito de tal se fazer com a miséria e a fome de tantos infelizes.

O pessoal que durante a greve se manteve ao serviço foi gratificado.

Muito bem. Mas é que houve grande injustiça na forma como essas gratificações foram distribuídas.

Durante os quatro meses da greve houve quem recebesse 50, 100, 200 e 300 libras de gratificação, o que achamos demasiado e tal forma de recompensar serviços até a tomamos como um incentivo à greve.

No entanto alguns capazes de via foram gratificados com a miséria de lib. 5.

A todo o pessoal dispensado ou readmitido, foi recusado o pagamento dos dias que tinha de trabalho, prestado no mês em que se fez a greve.

Porque? Não tem esse pessoal direito a receber o produto do seu trabalho?

Esta medida merece a nossa reprobção. Isto não é justo, ainda mesmo que, para tal, uma imperiosa necessidade de economias se alegue.

Em Lourenço Marques, Colónia que outros se esforçaram por civilizar atraindo o trabalhador ao seu seio, foi posto agora de parte o grande direito da antiguidade, levando a política a deportar cidadãos sem culpa formada e a aguçar o dente para novas deportações ao abrigo de uma lei fabricada à pressa no Conselho Legislativo e que pelos vistos é bastante ilegal.

O cidadão que se destine a Lourenço Marques, tem que declarar o seu credo político e se reconhece ou não o direito fascista acima do direito do povo. São estas as liberdades que presentemente são concedidas aos que pisam Moçambique, há trinta e mais anos, e ainda aos que venham e se não amoldem à vontade de um tal Barbotomeu Severino que, valendo-se da distância que o separa de Portugal, aqui tem tracado com este pobre povo.

Se estes são os direitos que a República portuguesa concede aos antigos colonos que pisam estas inhospitas paragens há longos anos, podê-lo-hia ter dito antes de enviar Azevedo Coutinho e seus sequeiros conselheiros, pois todos tratariam de liquidar os seus haveres para recolherem a Portugal, ou a outro qualquer país onde os seus direitos pudessem ser respeitados.

Está-se nesta grande dúvida de se poder ou não continuar a trabalhar, pois que, pela desconfiança que tais abutres semearam na Província, todos se arrecaram de continuar com iniciativas e empatar os seus capitais.

Os que de facto têm dinheiro para dar incremento à indústria, paralisaram devido a não lhes ser possível discernir a atitude da Metrópole perante um conflito como este.

Azevedo Coutinho, depois de ter semeado a dor e o luto, colocou a Província à porta de um abismo.

Para se restabelecer a confiança entre os habitantes de Moçambique, urge que as autoridades que auxiliaram Azevedo Coutinho na obra de destruição sejam, como ele, chamadas a Portugal e ali amarradas ao Pelourinho da desonra, salientando a vergonhosa obra de terem, para efeitos de vencer uma greve, causado a ruína de uma província.

Estamos fartos de dizer que a imprensa do povo está proibida de circular e que as reuniões estão proibidas, mantendo-se este estado de ditadura há cerca de seis longos meses. Estamos fartos de reclamar dos poderes da Metrópole.

Queremos ter a certeza de que nenhum Pígnem armado em governante possa dispor da nossa liberdade: como quem dispõe de um par de botas velhas e para isso só a revogação imediata da lei de excepção e o restabelecimento dos nossos direitos dão margem a descançar um pouco. —C.

E' esperado hoje no Tejo, a bordo do vapor «S. Miguel», Azevedo Coutinho, alto comissário em Moçambique, que não volta a governar aquela província, visto ter sido convidado para esse cargo o antigo governador da referida colónia general Massano d'Amorim, actual secretário geral do Ministério das Colónias, que aceitou.

## A greve académica

A comissão de pais de alunos das escolas superiores foi ontem recebida pelo ministro da instrução, cuja intervenção solicitou para a rápida solução da greve académica. O sr. dr. Mendes dos Remedios declarou que ia tratar do assunto, de forma a satisfazer a maioria dos interessados.

## O pessoal ferroviário do Minho e Douro reclama a demissão de dois engenheiros

O novo governo, que se afirma disposto a atender a mais importante reclamação dos ferroviários do Sul e Sueste, demitindo alguns dos engenheiros desta linha que pelos seus actos se incompatibilisaram com o pessoal, constituindo uma grave ameaça da tranquilidade necessária para o bom desempenho daquele importante serviço público, não deixará de procurar limpar o Minho e Douro, para que, igualmente, não haja estorvos à boa marcha dos seus serviços.

A frente do Serviço de Material e Traction encontra-se o engenheiro Tristão Ferreira de Almeida tendo como seu subordinado dirigindo as Oficinas Gerais o engenheiro Gomes Leal.

Um e outro são pessoas intratáveis, cuja maior preocupação é encontrar motivos para aplicar severos castigos aos empregados que trabalham sob as suas ordens.

Não há o mais leve respeito pela idade, pelo tempo de serviço ou pelo comportamento do empregado sendo, geralmente, a pena de demissão o que aplicam por insignificantes coisas que muitas vezes nem sequer constituem motivo para sanções disciplinares.

E, deste modo, não se trabalha de vontade, sendo a produção das Oficinas Gerais inferior à que devia ser se à frente daquelas serviços se encontrassem homens de envergadura moral e de competência indiscutível. Chega a tocar as raias da incompetência a acção dos dois engenheiros. Ainda não há muito tempo compraram maquinismos que só depois de montados souberam que eram inadaptables aos serviços das Oficinas porque a energia eléctrica ali existente não lhes podia ser aplicada!

Para qualquer ligeira modificação no material, vão ver como se encontra feito na C. P., porque a sua engenharia não engendra coisa nenhuma.

No que respeita a compras de material, basta ter em vista o que foi recebido da Alemanha e o que lhe têm feito esses engenheiros. Uma vergonha. Uma miséria bem reveladora da sua incompetência. O governo só tem um caminho a seguir: demitir-lhes, fazendo-os substituir por pessoas de reconhecida competência.

O engenheiro Gomes Leal, *traulheiro*, demitido do exército, que tem no seu gabinete tapetes com a coroa real é um constante desafio ao espírito liberal dos ferroviários e, por conseguinte, a intranquilidade do espírito de todo o pessoal das oficinas justifica-se plenamente. A classe reclama a sua imediata demissão em nome de todos os bons princípios.

Não pode continuar a frente das oficinas gerais do Minho e Douro um homem a quem falta por completo competência para o desempenho de tão importante serviço. Demais, os ferroviários estão fartos de suportar *traulheiros* e materialistas.

O sr. Tristão Ferreira, figura sinistra que foi sempre escandalosamente protegido por Nuno Simões, quando o director lhe observava que a demissão é um castigo violento e injusto, aplicado aos empregados por faltas leves, vem logo a Lisboa ameaçando pôr a sua pasta sobre a questão, como ainda há tempos aconteceu no caso dum empregado demitido por provas morais num processo vergonhoso!

Se o governo tiver dúvidas sobre o que aqui fica escrito, que mande investigar por pessoa de confiança e as provas sobranças para se justificar a demissão pura e simples dos dois engenheiros a que nos referimos.

Não podem continuar a frente dos Caminhos de Ferro estes homens, sob pena de, em qualquer ocasião, o pessoal, farto de sofrer o peso das violências por eles exercidas, se resolver a sacudir violentamente dos Caminhos de Ferro dois homens que estão completamente incompatibilizados com a classe.

MARCOS

## Rendimentos dos operários

Na estação de Campolide, vários trabalhadores procediam ontem à descarga de um vagão de carvão para a C. P., entre eles Elias de Jesus Lourenço, de 15 anos, residente na calçada dos Mestres (Olivais) J. L. M., quando um vagão carregado de cinza chocou com aquele, o que deu origem a que o Elias que se encontrava sobre o primeiro caixote à linha, fracturando a perna esquerda, ficando ferido na perna direita e com várias contusões pelo corpo. Transportado para a estação do Rossio, foi dali conduzido num automata da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, em cujo Banco foi devidamente pensado, recolhendo depois à Sala de Observações.

No Banco do Hospital de São José foram pensados e seguiram depois para suas casas.

Manuel Ribeiro, de 34 anos, natural de Tomar, descarregador, residente na Póvoa de Santa Iria, e que ali foi colhido por uma vagoneta da fábrica de Aduos, ficando com várias contusões pelo corpo; Raul Martins, de 41 anos, empregado no comércio, morador na rua da Fé, 51, 2.ª que, na papelaria de Emilio Braga, no Chiado, foi colhido por uma guilhotina de cortar papel, ficando muito ferido na mão esquerda e Francisco d'Almeida, de 15 anos, natural de Arganil, residente no Beco dos Carvoeiros, 2.ª cave, aos Caminhos de Ferro, o qual, nas oficinas de serralaria de Marques Adriano, na rua Nova do Desterro, foi colhido pela engrenagem de uma máquina, ficando muito ferido na mão direita.

A ansia de liberdade dos deportados

O cônsul em Bremen comunicou terem sido ali presos a bordo do vapor português «Industria», os deportados mais conhecidos por legionários Alfredo Santos, Alvaro Damas e Raul Honório, que haviam fugido da Guiné. Foram enviados officios aos ministérios da Justiça e do Interior, para promoverem a extradição.

Os deportados Marcos Santos Fontainhas, João Ferreira, o «Estadador» e José Soares, o «Malatesta», que haviam fugido de Cabo Verde, sendo depois recapturados e conduzidos sob prisão para o Funchal, fugiram também desta cidade não se sabendo até hoje do seu paradeiro.

## A obra tenebrosa das congregações

Em Coimbra, a Conferência de São Vicente de Paula leva, sob falsas promessas, para um colégio religioso a única filha a um infeliz pai, restituindo-lha, após 3 anos, sem haveres, sem instrução e sem juízo

COIMBRA, 7. — Tem a Batalha, nestes últimos tempos, sustentado uma enérgica campanha contra as immoralidades praticadas à sombra das congregações religiosas, cuja nefasta acção vai produzindo os seus efeitos na mentalidade duma grande parte da infância portuguesa.

Não é só, porém, na fértil região da Extremadura que as congregações proliferam. Aqui também há dignas emulas dessa sinistra beata que é conhecida por viscondessa de Andaluz.

Vamos relatar aos leitores um facto que já de si é bastante demonstrativo da lisura dos processos usados pelos sotaíntas para conseguirem seus tenebrosos intentos.

Relatemos: Fomos procurados por Joaquim José de Oliveira Matos, engraxador, que, com frases de repassada amargura, nos relatou uma patifaria repugnantíssima de que foi vítima por parte dos seraficos discípulos de Lolola.

Entregou-nos uma carta com o pedido de publicação, onde descreve circunstanciadamente o infamíssimo caso.

Da ocorrência foi formulada queixa à policia desta cidade, aguardando-se que a sua acção se faça sentir sobre os inculpados. Aguardemos os resultados, a ver se a policia apenas tem os dentes afilados para morder os pequenos.

Segue a carta, na sua tocança simplicidade, a qual não alteramos um único pormenor para os leitores poderem apreciar as frases ditadas pelo amargurado coração dum pai a quem roubaram a única filha para a realização duma obra de definhamento físico e de castração mental:

«... sr. redactor: Escreve-lhe um humilde engraxador, residente em Coimbra, no bico da Boa União, 11, para lhe contar um eao passado em Julho de 1923, esperando a publicidade desta, se v. quizer continuar a ver considerado como protector dos humildes o seu jornal.

O caso é este: no dia 9 de Julho de 1923, faleceu na rua Direita, desta cidade, Maria de Jesus Carapinha — vulgo «Faneça» — a qual deixou uma filha menor, de 16 anos de idade, de nome Branca de Oliveira Matos.

A-pesar-desta criança estar reconhecida por J. J. de Oliveira Matos e residir este em Coimbra, não foi chamado para tomar conta da pequena nem do espólio de sua mãe, mas sim a sr.ª D. Berta dos Santos Silva, solteira e moradora na rua do Corvo, e outras senhoras, todas elas pertencentes à Conferência de São Vicente de Paula, da freguesia de Santa Cruz. Esta senhora tomou conta do espólio, que se continha de tressentos e tal escudos, um cordão de ouro e umas argolas de ouro, deixando a pequena a velar o cadáver de sua mãe, com quem o signatário desta não vivia há alguns anos, na companhia das vizinhas que a isso se prestaram por verem a pequena sózinha.

No dia 10, soube eu, por acaso, que se realizava o funeral da Faneça pelas 14 horas, e a essa hora, depois do cadáver sair, fui tomar conta de minha filha a casa, onde ela ficara velando o corpo de sua mãe.

A porta estava fechada e a criança fora entregue a uma vizinha. Nesta altura fui chamado à igreja de Santa Cruz, à presença de D. Berta, que me perguntou:

—Que vai fazer da Branca?

—Levá-la para casa e olhar por ela. E' este o meu dever, porque sou pai—respondi.

Em favor da Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandela

Um dos atractivos da Feira de Santo Antonio vai ser o tradicional arroz doce, feito por uma descendente da mais afamada freira especializada na confecção dos célebres doces outrora manipulados nos conventos. Os morangos, as cerejas, os figos de capa róta, os alperches, vão ser vendidos em lindos cestinhos.

As louças genuinamente portuguesas, emfim, tudo quanto ao nosso povo apetece nesta quadra de festa popular, se encontrará na referida feira, que se realizará como dissemos já, no Terraço Bragança, rua António Maria Cardoso, nas noites de 12, 13 e 14, e tarde de 13.

O público compreendeu rapidamente, como se esperava, o fim a que visa esta festa cujo produto reverte a favor da Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandela, adquirindo já os bilhetes de entrada no recinto ao preço de 1 escudo que se vendem todos os dias nas secções daqueles Armazéns.

CONFERENCIAS

«Camões», pelo dr. Estanico Louro

Amanhã, no salão nobre da Faculdade de Letras, às 16 horas, realiza uma conferência acerca de Camões, o dr. Estanico Louro, professor do Liceu Pedro Nunes e aluno da cadeira de estudos camoneanos da Faculdade. A entrada é pública.

Um grande festival

a favor da Assistência infantil dz Câmara Municipal de Lisboa

No campo do Sporting, ao topo do Campo Grande, efectua-se amanhã um grandioso festival organizado pela Associação de Foot-Ball de Lisboa, com a cooperação de alguns dos mais importantes clubes e a favor da Assistência infantil da Câmara Municipal de Lisboa. Haverá dois importantes jogos de «foot-ball» de 1.ª categoria, um entre o Sporting Club de Portugal e o Vitória Foot-Ball Club de Setúbal, outro entre o Sport Lisboa e Benfica e o Caracalinos Foot-Ball Club. Outro sensacional numero da festa será a distribuição feita pela A. F. L. das taças e prémios aos clubes vencedores das diversas categorias do Campeonato de Lisboa. O campo estará ornamentado e a banda dos Bombelros Municipais tocará durante a tarde.

—Se o senhor consentisse, metia-lha num colégio, onde podia educar-se—redargueu-me D. Berta.

Como pai, querendo ver minha filha com uma boa educação, respondi que da melhor vontade, porque no colégio receberia uma educação que eu lhe não podia dar.

Dias depois apparece-me D. Berta, comunicando-me que já tinha conseguido que a Branca desse entrada gratuitamente no Colégio da Regeneração, em Braga, único colégio que tinha encontrado com uma vaga para uma rapariga pobre.

Eu não queria que minha filha fosse para tão longe e disse-lhe que para Braga não iria.

Foram, imediatamente, em face da minha opposição, ter com o sr. Santos Eusébio (também da referida Conferência) para ele pedir a um cavalheiro que me dispensa o pouco da sua amizade, para este me pedir que a deixasse ir para o dito Colégio. Este cavalheiro recebeu uma carta do sr. Santos Eusébio e depois de ver o seu conteúdo, confiou-me essa carta, pedindo-me que desse resposta e dizendo-me, ao mesmo tempo, que o Colégio em referência era um bom colégio, donde saíam crianças com uma educação esmerada. Em presença desta declaração e da leitura da carta, resolvi deixar seguir minha filha, dando parte da minha resolução a D. Berta.

No dia 19, entreguei-lhes minha filha, que partiu para o Colégio no comboio das 3 horas da madrugada, não mais me sendo possível saber noticias dela a-pesar-de ter escrito várias vezes para Braga.

Qual não foi o meu espanto, quando no dia 24 do mês passado do corrente ano, me apparece D. Berta, na companhia doudra senhora e de minha filha—esta, completamente apavahada, o olhar vago e indeciso, e, para maior cúmulo, sem nada do que a sua defunta mãe lhe legara. Nestas condições, recusei-me, terminantemente, a aceitar minha filha, até que lhe seja restituído o pouco que sua mãe lhe deixara.

—Então, ela não me deu, durante o tempo que esteve no Colégio?—diz-me D. Berta.

E, clinicamente, voltou-me as costas.

Mas se a pequena entrou para o Colégio, de graça, e que direito tem a Direcção do Colégio de ficar com os haveres da rapariga?

Além disso, eu não entreguei a pequena à Direcção do Colégio, mas sim a D. Berta, que, com falsas promessas, me veio furar. Somente a D. Berta pedirei que me entregue minha filha, com tudo que sua mãe lhe deixou.

De tudo isto que exponho, apresentei queixa à policia de investigação. Veremos, depois, se a pobre grã sem juízo e sem haveres, será reempossada do que lhe roubaram.

Doi como testemunhas do que relato as seguintes pessoas: Estela das Dores, Miguel Pereira, Maria Luzia, Francisco Macedo e Carolina Real, todos moradores na rua Direita.—De v., etc.—Joaquim José de Oliveira.

\*\*\*

A rapariga, segundo nos informa o pai, vem absolutamente analfabeta e sem os mais pequenos conhecimentos de costura ou outros trabalhos domésticos.

Isto representa um formidável libelo contra a educação religiosa, que meia dúzia de cretinos andam para aí a pedir em altos berros. —C.

## SOLIDARIEDADE

Realiza-se no domingo 4, do próximo mês de Julho, no salão da Construção Civil, uma festa de solidariedade ao operário electricista Anibal Castanheira, que se encontra impossibilitado por uma paralisia.

Vão à scena o drama «Bandeira francesa» e a comédia «O pai Adão», e o espectáculo será preenchido ainda por variedades e canção nacional, tomando parte Artur do Intendente. Um grupo de bandolinistas abrilhantará a festa.

Pró-Alfredo Lopes e Francisco Gil

Reuniu-se ontem a comissão administrativa do S. U. da Construção Civil em conjunto, com as comissões administrativas de Canteiros e Carpinteiros e Comissão Escolar que appreciou a situação em que se encontram os camaradas Alfredo Lopes e Francisco Gil.

Ficou resolvido levar à prática uma festa em auxilio destes dois prestimosos camaradas, festa que deverá realizar-se na segunda-feira, 21 do corrente, no Salão de Festas da C. Civil, com um programa escolhido, cujos bilhetes vão ser postos à venda muito breves.

Mais resolveu que em consequência das precárias circumstancias dos camaradas em questão, se abram quetes nas obras e officinas em seu auxilio; as quizesse divididos em partes eguaes, devendo as ditas quetes ser entregues no Sindicato no sábado das 20 às 24 para o que estará no gabinete alguns camaradas encarregados de tal.

Na próxima semana se publicará o programa definitivo a levar à prática, que será de certo muito agradável.

E' necessário não deixar que estes camaradas pereçam devido ao nosso indiferentismo.

Façamos tudo em auxilio destes camaradas que, reitados no leito, não podem auferir os meios de subsistência para suas famílias.

Pratiquemos a solidariedade como ela deve ser praticada.

Diplomata charlatão

GENEBRA, 8.—O sr. Briand, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, entregou à Sociedade das Nações uma carta pedindo a cooperação de todos os Estados para coordenarem os seus esforços, com a magistratura e a policia, em vista da constituição dum comité de legislação penal. O fim deste comité será combater e castigar severamente qualquer falsificação de moedas estrangeiras. Todas as nações são interessadas na adopção de semelhantes medidas. —(H.).

## As irregularidades cometidas pelo presidente da Associação dos Fragateiros

A comissão revisora de contas da Associação dos Fragateiros e Pessoal dos Bate-lões do Rio e Cabotagem do Porto de Lisboa, nomeada em assembleia geral de 30 de Março, não conseguiu ler o seu relatório por ter sido diso impedida, em quatro sessões, por um grupo dos que defendiam o membro da direcção autor de várias irregularidades. Na última dessas tumultuosas sessões conseguiu-se fazer aprovar, por maioria, uma moção declarando acima de toda a suspeita o presidente Tavares, que era a criatura que tinha abusado, em seu proveito, do dinheiro dos associados.

Em face disso, a referida comissão editou um manifesto dirigido à classe, da qual, para elucidação dos leitores, passamos a transcrever as passagens essenciaes:

«Foi este o resultado da nossa missão. Quisemos apresentá-lo à classe. Porque não o consentiu o autor do desfalque? Quem não deve não teme!... E' mais honesto arranjar claudes para fazer barulho e encobrir o mau acto?

«Está bem, ainda, que, depois do mal, venha fazer-se publicamente a caramunha lançando poeira nos olhos dos burlados? Outra coisa não fez Tavares na carta que fez publicar em A Batalha em resposta às nossas duras verdades.

Procurou salvar-se; mas—puro engano! —mais se afundou como vamos provar:

1.ª—Tavares começa por afirmar na sua carta que obteve uma votação a seu favor de 83 contra 33 votos, pelo motivo de a assembleia ser constituída em maioria pelos elementos mais activos, inteligentes e dedicados da classe.

Não percebemos: o presidente burlou seria ingrato se assim não faliasse. Seria ingrato para aqueles que, iludidos, o defenderam depois de verificado o desfalque de 9 contos.

Os outros, aqueles que não encobrem a burla, são os mal intencionados, imbecis e tudo o mais que ele lhes quer chamar. No entanto esses que ele acusa são os mais prestimosos militantes, que têm sido cargos na Associação, que têm sido delegados da classe no Conselho Federal, que têm sido nomeados para os congressos operários, que têm sido a sessões solenes e de propaganda em nome da Associação e que, por vezes, têm arriscado a liberdade em defesa dos interesses colectivos.

2.ª—Affirma que não pode ser suspeito pelo motivo de não cobrar nem pagar quotas nem tampouco ter a caixa em seu poder.

Então, julga o illustre presidente que nós e toda a classe não sabemos que desde o início da cobrança por selos-quotas fica em seu poder algum expediente para as camaradas que pagam a cobrança na Associação?

Em referência à caixa, se a não tem em seu poder, tem todavia, a confiança do cobrador que lhe obedece em tudo. Prova isto o facto de Tavares ter pedido ao cobrador em 16 de Abril, após a sua chegada da terra, a quantia de 1.400\$00 que junta aos 680\$00 de cadernetas federais, dos dois recibos falsificados de expediente enviado da Federação, prefazem um total de 2.080\$00, gastos por ele, em seu beneficio, em pouco mais de nove dias.

3.ª—Alega que os 480\$00 referidos, dos falsificados recibos, os gastou com a critica questão social. Má desculpa apresenta o Tavares, visto que, para auxiliar perseguidos ou outros casos emergentes da questão social, existem resoluções das assembleias e as importâncias podem e devem ser lançadas nos livros respectivos.

Mas o presidente Tavares foi mais além: Na ausência da comissão revisora de contas e sem autorização desta abriu com chave falsa a gaveta que guardava a escrita revisada.

Esta comissão, assediada por parte da classe, para que a questão fosse entregue aos tribunais, não o quis fazer, não por consideração para com o defraudador da Associação, mas por coerência com os princípios e para evitar um escândalo.

Confiamos na classe. Ela saberá fazer justiça. Por nosso lado cumprimos o nosso dever, salvaguardamos a nossa dignidade e entregamos a toda a classe a responsabilidade das possíveis consequencias do desfalque desse homem que se encobre por detrás de um grupo de guarda-costas».

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURIDICAS

A consulta jurídica que o dr. Sobral de Campos deveria dar amanhã, por absoluto impedimento do nosso advogado nesse dia, efectua-se hoje, pelas 21 horas, devendo todos os interessados apresentar-se munidos das suas cadernetas confederais em dia.

INSTRUÇÃO

O dr. sr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, conferenciou ontem largamente com o ministro da instrução.

CRISE DE TRABALHO

Indústria da Construção Civil

Reuniu-se ontem o Conselho de Secções do S. U. da Construção Civil que se occupou da crise de trabalho na industria, apreciando o encerramento do Bairro Economico da Ajuda e das Obras do Estado.

Resolveu entrevistar o presidente do Ministério e ministro do Commercio e convocar os operários sem trabalho para dia e hora que oportunamente se annunciara.

Espólios coloniais

Em Angola vai ser dada preferência, nas transferencias por via postal para a Metrópole, a dentro da verba mensal autorizada, a remessa para o ministério das Colónias, dos produtos dos espólios cujos processos estejam concluidos, a-fim-de serem entregues aos herdeiros, visto existirem há anos na colónia espólios que não são enviados por dificuldades de transferencias.

## Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE

Federação da Construção Civil.—Para se occupar de diversos assuntos, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa.

S. U. Metalúrgico.—Secção de Belem.—Pelas 20 e meia horas, as comissões administrativas dos organismos instalados na rua Paulo da Gama, 6, 1.ª, para organizarem a Secção Sindical de Belem.

—Pelas 20 horas a comissão de melhoramentos, sendo indispensável a comparência dos camaradas nomeados na assembleia geral.

S. U. da Construção Civil.—Secção de Serventes.—Convidam-se os camaradas em atrazo de cotas a vir, às terças e sextas-feiras, das 20 às 22 horas, justificar o motivo do atrazo a fim da comissão administrativa providenciar.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Federação.—Reuniu-se ontem o comité federal que appreciou o seguinte expediente: officio da Associação Internacional dos Trabalhadores com informações sobre relações com as centrais juvenis de todos os países e comunicando que a tese «A ideologia das juvenudes», «Declaração de princípios», presente no II Congresso Juvenil, foi traduzida em alemão e esperando, congratulando-se o comité com esse facto e resolvendo que esse officio baixasse ao Secretariado Internacional Provisório; officio do Núcleo de Portimão comunicando que está procurando organizar núcleos em várias localidades sendo tomado em consideração. Officios do Núcleo de Evora sobre a organização dum Núcleo em Machéde e comunicando que está em vias de se organizar um núcleo em Montoito, sendo tomado em consideração e resolvido officiar para essas localidades. Officio do Núcleo de Gouveia sendo resolvido officiar-lhe.

Resolveu mandar confeccionar expediente administrativo e resolveu também fazer-se representar no comício levado a efeito pelo Comité de Defesa Proletária.

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o Secretariado Central.

Secção de Belem.—Reúne-se hoje o secretariado seccional,